

A PRIMEIRA REVOLUÇÃO DA *WIKILEAKS* E A PRIMAVERA ÁRABE

Caio Augusto Guimarães de Oliveira¹
Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
E-mail: caio_oli@yahoo.com.br

RESUMO

Em 2010, no mesmo momento que a Primavera Árabe se iniciava, a *Wikileaks* tornava-se uma organização conhecida no mundo todo ao divulgar documentos sigilosos dos Estados Unidos. A Era da Informação propiciada pela internet permitiu que atores não estatais atuassem no ciberespaço contribuindo para o empoderamento da sociedade civil. A conjunção dos vazamentos realizados pela *Wikileaks* somado a potencialidade da internet na organização de mobilizações, são algumas das bases da Revolução de Jasmim, que teve lugar na Tunísia. Buscaremos entender como a *Wikileaks* contribuiu para a existência da Primavera Árabe ao informar a população e, assim, estar diretamente ligada ao início dos protestos na Revolução de Jasmim.

PALAVRAS-CHAVE

Primavera Árabe; Wikileaks; Tunísia; Revolução de Jasmim.



INTRODUÇÃO

A Tunísia se localiza no norte da África e abriga nos seus 163.610 km² uma população predominantemente árabe, que representa 98% do total (CIA, 2016). Em 2015, sua população era pouco superior aos 11 milhões de pessoas, 11.037.225 (CIA, 2016). Apesar de possuir vigor econômico maior que vários países da região do Oriente Médio e norte da África (OMNA) – em grande parte advindo do turismo – o país atravessou instabilidades durante os anos finais do governo do ex-Presidente Zine el Abidine Ben Ali (1987-2011), derivado da corrupção praticada pela família real. Atualmente, esse Estado ainda tenta obter grande parte de seus rendimentos pelo turismo, contudo, sofre com alguns problemas, como o terrorismo (CIA, 2016).

É necessário ponderar que cada país, nos quais o fenômeno da Primavera Árabe (2010-2012) teve lugar, possui suas particularidades e situações locais que influenciaram os movimentos. Porém, alguns pontos de semelhança podem ser notados. Muitos países da região “[...] estavam sofrendo com altas taxas de desemprego, pobreza generalizada, e um sistema de mídia disfuncional e eleitoreiro que, primeiramente, servia aos interesses das elites dominantes”² (SALEH, 2013, p. 237, tradução nossa).

Sem perder de vista as peculiaridades de cada país, dentre as principais características comuns da Primavera Árabe podem-se elencar: (a) existência de governos autocráticos; (b) existência de regimes fechados ou semi-fechados; (c) restrições democráticas crônicas; (d) altos índices de corrupção; (e) abusos nos serviços de segurança; (f) grau elevado de desigualdades sociais; (g) privatizações em benefícios de minorias (LYNCH, 2011 apud VIEIRA, 2016, p. 285).

No mesmo ano no qual a Primavera Árabe se iniciou, 2010, a organização *Wikileaks* ganhou força no cenário internacional ao divulgar documentos sigilosos dos Estados Unidos: diários de guerra do Afeganistão e Iraque e telegramas diplomáticos entre sua Secretaria de Estado e embaixadas por todo o mundo. O conjunto de telegramas diplomáticos, conhecido como *Cablegate*, apresentava informações específicas sobre vários países do OMNA. Por exemplo, “as liberdades civis estavam entre os tópicos-chaves expostos pelos documentos – em particular, os ataques brutais do regime de Mubarak³ contra jornalistas, blogueiros e artistas”⁴ (SALEH, 2013, p. 238, tradução nossa).

Em relação a Ben Ali e sua família, os “telegramas do embaixador

americano para a Tunísia revelavam a corrupção e relacionava metade dos membros da elite comercial do país ao então presidente Ben Ali, e isto ocorreu dias antes do início dos levantes” (SEIB, 2012; KELLER, 2013; SALEH, 2013; SCHLOSBERG, 2013 apud VIEIRA, 2016, p. 291). Esses documentos descreviam “[...] o extravagante estilo de vida levado pelo ex-Presidente tunisiano Zine al-Abidine Ben Ali e sua grande família e os ligava a casos de corrupção ao ponto de descrevê-los como o ‘nexo da corrupção tunisiana’”⁵ (PLETHI, 2011 apud SALEH, 2013, p. 237, tradução nossa).

A Tunísia se mostra importante nessa análise, pois nesse Estado nasceu a Primavera Árabe com a Revolução de Jasmim. A mistura de um clima permeado pela incerteza, derivado da falta de perspectivas para os jovens, pobreza e altas taxas de corrupção (OLIVEIRA, 2012) somada as revelações feitas pela *Wikileaks*, propiciou as bases da agitação popular experienciada na Tunísia, que se iniciou com o sacrifício de Mohamed Bouazizi.

Nosso objetivo geral nessa análise é compreender o papel da *Wikileaks* na Primavera Árabe. Faremos isso analisando como ela foi importante para os desdobramentos que geraram a Revolução de Jasmim. Para tanto, temos de compreender o momento que propicia a existência da organização *Wikileaks* e o ativismo *online* que irá se transferir para as ruas, a Era da Informação. Com essas informações, analisaremos, então, qual a importância da *Wikileaks* para essas mudanças sociais.

ERA DA INFORMAÇÃO

O ciberespaço é elemento fundamental na Era da Informação. Sua existência propicia um intercâmbio de informações muito rápido, facilitando que protestos sejam organizados, por exemplo. Além disso, ele funciona como um local que abriga debates que não podem existir fisicamente em Estados autoritários que censuram movimentos contrários ao governo. Nesse processo são fundamentais os atores não-estatais que operam na internet. No caso da Revolução de Jasmim, alguns tiveram um papel essencial, como veremos mais adiante.

O ciberespaço pode ser entendido como

[...] a rede interdependente de infraestruturas de tecnologia de informação, que inclui Internet, redes de telecomunicações, sistemas de computadores, processadores embutidos e controladores em indústrias críticas. O uso comum do

termo também se refere ao ambiente virtual da informação e das interações entre pessoas (HATHAWAY, 2009 apud OLIVEIRA, 2012, p. 39).

Desse modo, o ciberespaço é importante por aglutinar esse ambiente virtual de informação e de interações entre pessoas. Até porque “a instalação da Internet como ferramenta fundamental no cotidiano dos cidadãos muda essa visão [de que a televisão e o rádio teriam o controle absoluto da informação] e esse facto dominador parece cada vez mais distante” (OLIVEIRA, 2012, p. 34). Na Tunísia, à época da Primavera Árabe, 2010, a porcentagem da população que possuía acesso a internet era de 36,8% (ITU, 2016). Apesar de parecer uma pequena quantidade de pessoas, ainda mais se comparado a países dito desenvolvidos (Estados Unidos: 71,69%; Reino Unido: 85%), esses números são maiores que de alguns vizinhos da Tunísia no âmbito da OMNA (ITU, 2016). Como no Egito (31,42%), Líbia (14%) e Síria (20,7%) (ITU, 2016).

Essas estatísticas podem ajudar a compreender o motivo pelo qual a Tunísia foi um dos primeiros países a se rebelar. Além disso, esse Estado era classificado por George Joffé como uma autocracia liberal (apud OLIVEIRA, 2012, p. 67), por causa de alguns sinais de liberalização política que pretendiam demonstrar que o controle estatal não estaria ameaçado. A sociedade tunisiana também era muito próxima da francesa, sendo que muitos jovens tunisianos deixam o país com destino ao Estado europeu para realizarem seus estudos. O que não era muito comum nos outros países que viveram a Primavera Árabe (OLIVEIRA, 2012, p. 67). Apesar desses traços de liberalização, a internet era bloqueada e alguns sites censurados eram apresentados como “não encontrados”, como se nunca tivessem existido (HASSINE, 2011). “O regime de Ben Ali tinha uma máquina a funcionar para controlar a mensagem que circulava no ciberespaço” (OLIVEIRA, 2012, p. 46).

Atuando na internet, alguns atores não-estatais buscavam ir contra essa repressão. Mesmo que “Estado e sociedade se beneficiem com a Internet, a distribuição de poder no meio cyber favorece os atores não-estatais na medida em que os tradicionais recursos coercitivos historicamente usados colocavam estes em desvantagens com relação aos Estados” (VIEIRA, 2016, p. 80). Assim, os atores não-estatais são importantes por atuarem no empoderamento político da sociedade, visto que a

[...] sociedade civil global ao estabelecer redes, intensificar a troca de informações a partir de novas ferramentas de mídia, aumentar a consciência sobre a realidade doméstica e internacional, e diversificar participantes, consegue ser

mais efetiva no empoderamento político de poder por se organizar em torno de grupos ou redes não-estatais, quando comparado com um Estado (DREZNER, 2010; SEIB, 2012 apud VIEIRA, 2016, p. 81).

Um reconhecido blog fundado por ativistas e dissidentes tunisianos foi importante no processo da Revolução de Jasmim, a Nawaat⁶. Trata-se de um “[...] blog político coletivo focado na Tunísia e lá censurado pelo governo de Ben Ali”⁷ (GHARBIA, 2014, s.p., tradução nossa). Fundado em 2004, seu enfoque é na defesa da liberdade de expressão, no direito de acesso à informação e aos documentos públicos (NAWAAT, 2013). “Tendo recebido inúmeros prêmios, a Nawaat se foca em numerosos temas a partir de ângulos raramente abordados pelas mídias dominantes, incluindo as mídias *online*. Esses temas referem-se a tópicos como a democracia, a transparência, a boa governança, a justiça, as liberdades e os direitos individuais”⁸ (NAWAAT, 2013, s.p, tradução nossa).

Outro ator importante nesse processo, como já citamos, foi a *WikiLeaks*. A *Wikileaks* é uma organização sem fins lucrativos que se materializa na forma de um domínio virtual, um *site*, e por essa razão não apresenta uma sede. Criada pelo australiano Julian Assange em 2006, a organização atua como uma plataforma de denúncia *online*, que busca garantir anonimato total para as fontes que recorrerem à *Wikileaks* para vazarem documentos. Após avaliar os documentos recebidos, ela publica aqueles que considera possuírem importância social vazados de Estados e organizações. Exemplos seriam: violações dos Direitos Humanos, concorrências desleais, corrupção, manipulações. Desse modo, funciona com base na ideologia da livre informação e da liberdade de expressão.

A *Wikileaks* possui certos princípios que regem seu funcionamento. São eles: a defesa da liberdade de expressão e de mídia, a melhoria dos registros históricos comuns e o apoio ao direito de todas as pessoas a criar uma nova história (WIKILEAKS, 2011). Eles estão baseados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, principalmente no Artigo 19⁹. E seu objetivo é trazer a público importantes notícias e informações (WIKILEAKS, 2011).

Para Julian Assange:

O *WikiLeaks* é uma série de coisas. É um *website*, uma tecnologia funcional, um caminho filosófico. É também uma rede de pessoas que acreditam em algo... Defendemos um conceito bem simples, mas abstrato: a verdade é o único

ingrediente realmente útil na hora de tomar decisões. E tais decisões, até pelo quanto podem afetar o mundo, devem sempre ter por base a verdade. Então, trazer o máximo de informação real à tona é o jeito certo de decidir as coisas (BOCCHINI; CAPAI, 2011, p. 20 apud ARAÚJO, 2013, p. 88).

E de fato existem muitas informações que podem afetar o mundo. Como o conteúdo do *Cablegate*. Tendo consciência disso, diversos telegramas sobre o Oriente Médio foram entregues a Sami Ben Gharbia (ativista tunisiano e um dos criadores da Nawaat), entre eles, vários versando sobre a Tunísia. Isso propiciou que Ben Gharbia pudesse criar, junto com outros companheiros da Nawaat, o *Tunileaks*, um site voltado para a publicação dos telegramas que faziam referência a Tunísia. Seu diferencial era ser, de fato, voltado para a população tunisiana ao, por exemplo, buscar traduzir todos os documentos.

Nos estágios iniciais dos protestos políticos de massa na Tunísia, o influente grupo de blogueiros tunisianos Nawaat criou um site chamado *Tunileaks* e divulgou amplamente os telegramas para os cidadãos do país. Os telegramas confirmaram que os EUA viam o Presidente tunisiano Ben Ali como um tirano corrupto e brutal, o que acendeu as chamas da revolução que já estava inflamada (TIMM, 2011 apud ARAÚJO, 2013, p. 13).

York (2013 apud VIEIRA, 2016, p. 319) aponta que os dados apresentados pela *Tunileaks* “[...]tiveram efeitos importantes na Tunísia ao serem coletados da plataforma do *WikiLeaks*, em seguida contextualizados e traduzidos para idioma local. Isso tornou o vazamento acessível aos leitores tunisianos, gerando um efeito bem mais potente ao ganhar uma conotação nacional”. Callamard (2016, s.p., tradução nossa) analisa o que a *Tunileaks* teria contribuído para a Tunísia:

Para ativistas de direitos humanos, esses desenvolvimentos constituem grandes oportunidades: o ganho de acesso a informações além dos seus limites usuais, o lançamento de informação de interesse público para uma audiência maior, e aumentar a conscientização e empoderar o público em geral para responsabilizar as autoridades. Isso foi o que a *Tunileaks* fez para o povo da Tunísia¹⁰.

Por fim, o ciberespaço ainda foi importante para a mobilização dos manifestantes na Tunísia. Muitas informações sobre protestos e mensagens encorajadoras eram postadas e compartilhadas em redes sociais,

o que garantia que uma grande quantidade de pessoas fosse informada e de maneira rápida. O Twitter¹¹, por exemplo, “foi uma ferramenta útil para compartilhar localizações dos protestos e acompanhar os acontecimentos possibilitando assim o planejamento dos indivíduos que se encaminham para as manifestações de rua” (VIEIRA, 2016, p. 319).

Ithiel Sola Pool, investigador das ciências sociais que se dedicou ao estudo da tecnologia e do seu impacto na sociedade, chamou “tecnologias da liberdade” aos mecanismos de informação e comunicação criados pela Internet. Juntam, na multidão, cumplicidades e pontos em comum. Congregam na mesma rede a informação que se escolhe e facilitam a comunicação como o telefone já não faz. A importância das redes sociais na esfera política começou a ter evidência com a Revolução na Tunísia (OLIVEIRA, 2012, p. 74).

A REVOLUÇÃO DE JASMIM

A influência da *Wikileaks* na Revolução de Jasmim se relaciona com o conteúdo dos telegramas diplomáticos vazados pela organização. Como já citado, eles demonstravam a corrupção sistêmica de Ben Ali e sua família na administração do Estado tunisiano. Além disso, “os relatórios da embaixada norte-americana em Túnis eram extremamente desfavoráveis e não usavam eufemismo para descrever o estado decrépito do pequeno país do Magreb, considerado amplamente um dos mais repressivos numa região repressiva (LEIGH; HARDING, 2011, p. 227).

Como o regime de Ben Ali controlava a internet, a *Wikileaks* teve seu site censurado pouco tempo depois de ir ao ar na Tunísia. A *Tunileaks*, gerida pelos ativistas tunisianos da Nawaat buscou estratégias para burlar a repressão e censura estatal para com a divulgação das informações. A participação da Nawaat foi importante, pois os ativistas tunisianos já haviam criado estratégias para combater a censura. Como descrito por Ben Gharbia (2012, s.p., tradução nossa), era um “[...] engraçado jogo de gato e rato que nós tínhamos dominado durante os últimos dez anos de esforço de censura e anti-censura, e nós o conhecíamos bem”¹². A organização Nawaat “[...] já compreendia que na era das mídias sociais, bloquear *websites* não bloqueia a informação, uma lição que o regime de Ben Ali e similares nunca aprenderam”¹³ (GHARBIA, 2012, s.p., tradução nossa). Gharbia aponta como se deu a transmissão dos telegramas:

Buscamos disseminar os telegramas em PDF¹⁴ no Scribd¹⁵ e

dezenas de outros serviços de compartilhamento de arquivos, em torrents¹⁶, e até mesmo no Facebook como imagens, difundidas ainda mais pelos compartilhamentos e curtidas dos “*slacktivistas*”¹⁷. Os ativistas tunisianos dividiram de maneira colaborativa a tradução dos mais sensíveis e escandalosos telegramas para francês e árabe. As traduções foram divulgadas por centenas de guerrilheiros ativistas ligados em rede e não ativistas, tanto *online* quanto *offline*. O mecanismo *crossposting*¹⁸ da internet social associado a distribuição mão a mão via CD, dispositivos USB e documentos impressos foi tão rápido, tão horizontal e tão distribuído que era impossível de censurar¹⁹ (GHARBIA, 2012, s.p., tradução nossa).

Desse modo, a informação pôde fluir e “desde homens de negócios até vendedores de vegetais, todos tinham ouvido falar da *Tunileaks*”²⁰ (GHARBIA, 2012, s.p., tradução nossa). Como dito, a população teve acesso a documentos que retratavam a corrupção na Tunísia. Contudo, esse já era um fato conhecido pela população, conforme demonstra o relato de Hassine, um jovem tunisiano:

Nós aprendemos rápido que a televisão tunisiana é a pior televisão que existe. Tudo é transmitido para a glória do Presidente Ben Ali, a qual sempre o mostra no seu melhor. [...] Todo nós sabemos que Leila [esposa de Ben Ali] tentou vender uma ilha tunisiana, que ela queria fechar uma escola americana em Túnis para promover sua própria escola²¹ (HASSINE, 2011, s.p., tradução nossa).

Então, como esses documentos foram importantes, se a população já sabia que seus governantes eram corruptos e não precisavam da *Wikileaks* para dizer isso? Para Gharbia (6458, s.p., tradução nossa), “[...] o que foi diferente foram os efeitos psicológicos de um *establishment* confrontado publicamente com sua própria imagem vergonhosa. O fato foi que o governo sabia que todas as pessoas tinham conhecimento, dentro e fora do país, de quão corrupto e autoritário ele era”²².

A publicização desses fatos não trazia uma informação necessariamente nova para esses cidadãos que conheciam o *modus operandi* dos regimes autocratas. Porém, a recorrente visibilidade *online* de escândalos de corrupção, ostentação com dinheiro público, pobreza no país e subserviência frente a potências estrangeiras, causava vergonha e estimulava a articulação de uma causa (SEIB, 2012; YORK, 2013 apud VIEIRA, 2016, p. 291).

Como bem colocado por Gharbia (2014), vinte dias se passaram entre a divulgação dos telegramas diplomáticos na Tunísia, no dia 28 de novembro de 2010, e o início da Primavera Árabe, em 17 de dezembro de 2010, dia em que o jovem Mohamed Bouazizi ateou fogo no próprio corpo. Mohamed Bouazizi era um jovem vendedor de frutas que, “[...] desesperado com o assédio de fiscais corruptos, pôs fogo em si mesmo. Morto, ele se transformou em um símbolo, e a rebelião tomou as ruas” (ASSANGE, 2015, p. 26).

As queixas de Mohamed Bouazizi dificilmente eram únicas. Mas seu ato de autoimolação aconteceu ao mesmo tempo em que a *Wikileaks* publicava documentos mostrando que os governos ocidentais que se aliaram a Ben Ali estavam cientes de todos esses problemas, mas, aparentemente, estavam dispostos a exercer uma pressão externa sobre o governo para respeitar os Direitos Humanos. A combinação destes dois eventos parece ter desencadeado um amplo apoio aos manifestantes na Tunísia²³ (AMNESTY INTERNATIONAL, 2011, p. XV, tradução nossa).

Como aponta Callamard (2016), os vazamentos levaram os medos embora e, assim, a população pôde se organizar em protestos. “Segundo George Joffé, especialista em assuntos do Médio Oriente, a *Wikileaks* veio de facto confirmar aquilo que os tunisinos sabiam, mas não lhe deram informação nova. Deram legitimidade a quem saía às ruas” (2012 apud OLIVEIRA, 2012, p. 73). Desse modo, podemos observar que a *Wikileaks* teve grande importância ao motivar as pessoas, a encorajá-las a se manifestarem, além de divulgar a situação para o mundo todo, fazendo com que houvesse pressão internacional – como demonstra o relatório da Anistia Internacional – no sentido de apoiar as manifestações. Hassine, novamente ilustra a situação:

E então o *Wikileaks* revela o que todos estavam cochichando. E, em seguida, um jovem se sacrifica. E vinte tunisianos são assassinados em um dia. Pela primeira vez, vemos a oportunidade de nos rebelar, de nos vingar da família “real”, que já levou tudo; de acabar com a ordem estabelecida que acompanhou nossa juventude. Uma juventude educada, cansada e disposta a sacrificar todos os símbolos da antiga Tunísia autocrática com uma nova revolução: a Revolução de Jasmim – a verdadeira²⁴ (HASSINE, 2011, s.p., tradução nossa).

Outras falas também apontam a relação da *Wikileaks* com o início

das manifestações. O então Ministro da propaganda de Ben Ali, Oussama Romdhani, disse que os vazamentos foram “o golpe de misericórdia, a gota d’água que derrubou o sistema de Ben Ali”²⁵ (GHARBIA, 2014, s.p., tradução nossa). Leigh e Harding (2011, p. 228) apontam que os desdobramentos na Tunísia foram chamados por algumas pessoas de a “primeira revolução do *Wikileaks*”, o mesmo modo como Oliveira (2012) se refere a Revolução de Jasmim. Muammar Kadafi também “[...] não teve dificuldade em reconhecer a ligação entre os eventos em Túnis e o *Wikileaks* – uma ligação satânica, na opinião dele” (LEIGH; HARDING, 2011, p. 249).

Oliveira (2012, p. 71) não defende que a *Wikileaks* tenha sido a causa fundamental da revolta. Para a autora, já existiam circunstâncias dentro do país que permitiam prever certa contestação, e o que teria despertado os protestos foi o sacrifício de Mohamed Bouazizi. Contudo, afirma que “[...] o reconhecimento oficial da forma como os seus dirigentes usavam o dinheiro público insurgiu os tunisinos e levou-os a agir. Legitimou a sua revolta não só dentro do país como no exterior, ajudando a justificar o porquê das manifestações” (OLIVEIRA, 2012, p. 71). Seguindo o pensamento, a autora afirma que os jovens tunisinos “concordam com o impacto da informação da *Wikileaks* no eclodir da revolta, mas não querem que lhes seja dado um valor exagerado. Dizem que muitas das pessoas que saíram à rua não tinham sequer acesso à Internet” (OLIVEIRA, 2012, p. 72). Contudo, devemos observar que as informações difundidas pela Nawaat, através de CDs e dispositivos USB, foram todas advindas dos vazamentos realizados pela *Wikileaks*.

Para Saleh (2013, p. 241, tradução nossa), as informações da *Wikileaks* desempenharam um importante papel no processo:

Os vazamentos da *Wikileaks* desempenharam um influente papel ao alimentar a raiva popular na região e moldar a compreensão do público global das causas do que ficou conhecido como a Primavera Árabe. Ao expor segredos ocultos, padrões duplos, e a hipocrisia de líderes árabes, eles forneceram novas perspectivas sobre a política árabe, bem como confirmaram as suspeitas generalizadas, assim, colocando em confronto direto a sociedade irritada com seus governos autocráticos. A *Wikileaks* ofereceu informações críticas, contribuiu para a midiaticização em massa dos eventos, tanto local quanto internacionalmente, e ajudou a formular e clarificar a crítica em relação a situação política existente e alternativas democráticas. Assim, constituiu-se como um importante componente do impulso revolucionário que varreu a região em 2011”²⁶.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constante foram as censuras e repressões aos movimentos reivindicatórios e as informações. Contudo, elas se espalharam para outros países próximos e quanto mais os governantes tentavam censurar as informações, mais os manifestantes as desejavam. “Os alvos da guerra eram as informações nos telegramas e seus portadores, pessoas e a infraestrutura. Mas, apesar dos esforços para bloquear o acesso à informação, os ditadores começaram a cair, um após o outro”²⁷ (GHARBIA, 2014, s.p., tradução nossa). No dia 14 janeiro Ben Ali deixou o poder e o governo tunisiano foi substituído. Posteriormente, essa agitação civil ainda se alastrou para outros países como Egito, Iêmen, Líbia, Síria e Bahrein com resultados positivos em alguns deles.

Se a *Wikileaks* foi essencial ou não para que o movimento pudesse existir é algo difícil de ser mensurado. Se teve um papel influenciador ou catalisador, o importante é que a *Wikileaks* esteve presente, e, somado a outros fatores conseguiu provocar mudanças de grande escala. Como aponta Callamard (2016, s.p.), os vazamentos regaram um já fértil solo para a Primavera Árabe. Sobretudo, a *Wikileaks* foi importante não como uma organização, mas sim pelo que ela representa: a luta pelo acesso a informação.

Embora a população já soubesse de casos e boatos sobre a corrupção da família real tunisiana, faltava a comprovação. Então, a sociedade teve acesso a dados que não tivera outrora. Além disso, podemos ver outro aspecto, “os jovens estão passando de apolíticos a politizados” (ASSANGE, 2015, p. 86). Para essa nova geração, “o acesso livre à informação e à internet tem poder de emancipação” (SPEKTOR, 2011, p. 21), e a *Wikileaks* vem a mostrar o potencial destabilizador que a internet e as informações podem ter. Nesse sentido, as novas tecnologias de informação e comunicação, entre as quais podemos encaixar a *Wikileaks*, podem vir a auxiliar na democratização das nações (NASCIMENTO, 2013).

A ação do *Wikileaks* até certo ponto realiza essa ação de utilizar as ferramentas de comunicação e informação para o ativismo social, por meio da colaboração, da participação e da divulgação das informações. Neste caso, fica evidente a reconfiguração da cultura política, por meio dos novos comportamentos sociais, o que gera nos Estados temores, tentativas de regulamentar e controlar (NASCIMENTO, 2013, p. 88).

Para a Primavera Árabe, a *Wikileaks* contribuiu não só regando um solo fértil, mas também ao encorajar a população, legitimar quem saía às ruas e a trazer o apoio internacional. Isso não ocorreu só na Tunísia. Visto que as manifestações se espalharam para outros países do OMNA e muito do que foi realizado na Tunísia serviu de exemplo, nos momentos iniciais, para os outros Estados, como as tentativas de burlar o controle estatal na internet. Do mesmo modo, a *Wikileaks* não pode ser vista como o ponto central, afinal seu papel foi empoderar quem realmente é o centro do processo, a sociedade civil. Ciente da situação de seu Estado, da corrupção e motivada pelo acesso à informação, a população tomou as ruas e buscou melhorias para seu país. A Primeira Revolução da *Wikileaks* teve como protagonista uma sociedade inconformada e, agora, informada.

REFERÊNCIAS

- AMNESTYINTERNATIONAL. **Amnesty International Report 2011: The state of the world's Human Rights**. 2011. Disponível em: <http://files.amnesty.org/air11/air_2011_full_en.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2016.
- ARAÚJO, W. F. **“We Open Governments”**: Uma análise de discurso do ciberativismo praticado pela organização *Wikileaks*. 2013. 207 f. Tese (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo – RS.
- ASSANGE, Julian. **Quando o Google encontrou o Wikileaks**. Tradução: Cristiana Yamagami. São Paulo: Boitempo, 2015.
- CALLAMARD, Agnès. **Leaks and WikiLeaks: Impact on Human Rights**. Disponível em: <<http://www.digital-development-debates.org/issue-04-media-democratisation-leaks-and-wikileaks-impact-on-human-rights.html>>. Acesso em: 28 ago. 2016.
- CIA. **The World Factbook**. 2016. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>>. Acesso em: 28 ago. 2016.
- GHARBIA, Sami Ben. **Chelsea Manning and the Arab Spring: A Tribute to Chelsea Manning from Tunisia**. 2014. Disponível em: <<http://archive.is/pwop9>>. Acesso em: 28 ago. 2016.
- HASSINE, Sami Ben. **The Guardian. Tunisia's youth finally has revolution on its mind**. 2011. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2011/jan/13/tunisia-youth-revolution>>. Acesso em: 28 ago. 2016.
- ITU, International Telecommunication Union. **Data Explorer**. 2016. Disponível em: <<http://www.itu.int/ITU-D/ict/statistics/explorer/index.html>>. Acesso em: 28 ago. 2016.
- LEIGH, David; HARDING, Luke. **A Guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado**. Tradução: Ana Resende. Campinas, SP: Versus, 2011.

NASCIMENTO, Ines Maria Azevedo do. **A atuação do Estado na era do império e suas tentativas de controle da informação.** 2013. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

NAWAAT. **À propos de Nawaat.** 2013. Disponível em: <<http://nawaat.org/portail/>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

OLIVEIRA, Daniela Sofia Guerreiro de. **O poder da informação na política internacional: a Wikileaks e a revolução na Tunísia.** 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política e Relações Internacionais, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012.

SALEH, Ibrahim. WikiLeaks and the Arab Spring: The Twists and Turns of Media, Culture, and Power. In: BREVINI, Benedetta; HINTZ, Arne; MCCURDY, Patrick. **Beyond WikiLeaks: Implications for the Future of Communications, Journalism and Society.** New York: Palgrave Macmillan, 2013. Cap. 14. p. 236-244.

SPEKTOR, Matias. Wikileaks nas Relações Internacionais. **Política Externa**, São Paulo, volume 19, nº 4. Páginas: 19 a 29. Mar/Abr/Mai de 2011.

VIEIRA, Vivian Patricia Peron. **Os efeitos da comunicação digital na dinâmica do ativismo transnacional contemporâneo: um estudo sobre Al-Qaeda, Wikileaks e Primavera Árabe.** 2016. 378 f. Tese (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

WIKILEAKS. **About: What is Wikileaks?** 2011. Disponível em: <<https://wikileaks.org/About.html>>. Acesso em: 28 ago 2016.

Notas

¹ Bacharel em Relações Internacionais pela UNIPAMPA. Pesquisador Associado do Grupo de Análise Estratégica—Oriente Médio e África Muçulmana (GAE-OMAM).

² “[...] were suffering from high rates of unemployment, widespread poverty, and a dysfunctional and propagandist media system that primarily served the interests of ruling elites” (no original).

³ Faz referência a Muhammad Hosni Said Mubarak, ex-Presidente do Egito. Governou o país por cerca de 30 anos, entre 14 de outubro de 1981 até 11 de fevereiro de 2011.

⁴ “Civil liberties were among the key topics exposed in the documents – in particular the brutal attacks by the Mubarak regime against journalists, bloggers, and artists” (no original).

⁵ “[...] the lavish lifestyles led by former Tunisian President Zine al-Abidine Ben Ali and his extended family and linked them with cases of corruption to the extent of describing them as “the nexus of Tunisian corruption” (no original).

⁶ Disponível em: <<http://nawaat.org/portail/>>. Acesso em 28 ago 2016.

⁷ “[...] collective political blog focused on Tunisia, and censored in Tunisia by the government of Ben Ali” (no original).

⁸ “Ayant reçu de nombreux prix, Nawaat focalise sur de nombreux sujets sous des angles rarement abordés par les médias dominants, y compris en ligne. Ces sujets portent sur la démocratie, la transparence, la bonne gouvernance, la Justice, les libertés et les droits fondamentaux” (no original).

⁹ Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão (UN HUMAN RIGHTS, 2016).

¹⁰ “For human rights activists, these developments constitute huge opportunities: to gain ac-

cess to information beyond their usual reach, to release public interest information to a wide audience, and to raise awareness and empower the general public to hold authorities accountable. It is what TuniLeaks did for the people of Tunisia” (no original).

¹¹ Uma rede social que permite a interação em tempo real entre o usuário e seus contatos que compartilham mensagens de até 140 caracteres.

¹² “[...] was a funny cat and mouse game that we’d mastered during the last ten years of censorship and anti-censorship efforts, and we knew it well” (no original).

¹³ “[...] already understood that in the era of social media, blocking websites doesn’t block the information, a lesson that the Ben Ali regime and the like never understood” (no original).

¹⁴ A sigla significa *Portable Document Format*, em português, Formato Portátil de Documento. Um formato de arquivo para que o documento seja visualizado independente de qual tenha sido o programa que o originou.

¹⁵ Plataforma *online* para compartilhamento de documentos.

¹⁶ Extensão de arquivo que permite que o arquivo seja dividido em partes para otimizar a transferência de dados.

¹⁷ Refere-se ao chamado “ativismo de sofá”. Ou seja, dar suporte a uma causa através de um custo ou esforço muito baixo, como compartilhar uma postagem, por exemplo.

¹⁸ Trata-se do ato de postar a mesma mensagem em múltiplos locais ao mesmo tempo.

¹⁹ “We managed to disseminate the cables as a PDF on Scribd and tens of other file-sharing services, on torrents, and it even ended up on Facebook as images, spread further by ‘slacktivist’ likes and shares. Tunisian activists crowdsourced the translation of the most sensitive and scandalous cables into French and Arabic. The translations were disseminated by hundreds of guerrilla networked activists and non-activists, both online and offline. The crossposting mechanism of the social web coupled with the hand-to-hand distribution via CD, USB sticks and printed documents was so quick, so horizontal and so distributed that it was impossible to censor” (no original).

²⁰ “From business managers to vegetable sellers, everyone had heard of Tunileaks” (no original).

²¹ “We quickly learn that Tunisian television is the worst television that exists. Everything is relayed to the glory of President Ben Ali, who’s always shown at his best. [...] We all know that Leila has tried to sell a Tunisian island, that she wants to close the American school in Tunis to promote her own school” (no original).

²² “What was different was the psychological effect of an establishment confronted so publicly with its ugly own image. It was that the government knew that all people knew, inside and outside the country, how corrupt and authoritarian it was” (no original).

²³ “Mohamed Bouazizi’s complaints were hardly unique. But his act of self-immolation happened around the same time as Wikileaks published documents showing that Western governments which had allied themselves with Ben Ali’s government were aware of all these issues but apparently unwilling to exert external pressure on the government to respect human rights. The combination of these two events seems to have triggered widespread support for protesters in Tunisia” (no original).

²⁴ “And then, WikiLeaks reveals what everyone was whispering. And then, a young man immolates himself. And then, 20 Tunisians are killed in one day. And for the first time, we see the opportunity to rebel, to take revenge on the “royal” family who has taken everything, to overturn the established order that has accompanied our youth. An educated youth, which is tired and ready to sacrifice all the symbols of the former autocratic Tunisia with a new revolution: the Jasmine Revolution – the true one” (no original).

²⁵ “[...] was The *coup de grâce*, the thing that broke the Ben Ali system” (no original).

²⁶ “The WikiLeaks releases played an influential role in fuelling public anger in the region and in shaping global audiences’ understanding of the causes of what became known as the Arab Spring. By exposing hidden secrets, double standards, and hypocrisy by Arab leaders, they provided new perspectives on Arab politics, as well as confirming widespread suspicions, and thus put angry publics in direct confrontation with autocratic governments. WikiLeaks offered critical information, contributed to the mass mediatization of events both locally and internationally, and helped formulate and clarify both the critique of the existing political situation and democratic alternatives. It thereby constituted an important component of the revolutionary momentum that swept the region in 2011” (no original).

²⁷ “The target of that war was the information in the cables and the carriers of that information, people and infrastructure. But despite the efforts to shut the information down, dictatorships started to fall, one after the other” (no original).